



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MEMÓRIA CIENTÍFICA: REFLEXÕES E ATRAVESSAMENTOS¹

*THE SOCIAL CONSTRUCTION OF SCIENTIFIC MEMORY:
REFLECTIONS AND CROSSINGS*

Daniele Achilles

Doutora e Mestre em Memória Social (PPGMS/UNIRIO). Docente do Departamento de Biblioteconomia (DEPB), do Mestrado Profissional em Biblioteconomia (PPGB) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Líder do Grupo de Pesquisa Bibliotecas, Memória e Resistência, certificado pelo CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3648-7282>. E-mail: daniele.achilles@unirio.br

RESUMO

Apresenta questionamentos e perspectivas teóricas para discutir a construção social da memória científica a partir da formação de coleções em bibliotecas universitárias. Trata-se de um texto mais fluido porque é resultado da palestra ministrada no I Encontro Baiano de Bibliotecas Universitárias Públicas. Nesse sentido, trabalha a ótica de Marc Auge a partir dos três paradoxos do tempo; a noção de memória enquanto experiência enfatizada por Walter Benjamin. Por meio de uma pesquisa social, qualitativa e exploratória aponta reflexões e atravessamentos entre a ciência, o tempo e memória para indicar possibilidades de associar a memória à experiência no processo de formação de coleções, parte da construção social da memória científica em acervos de bibliotecas universitárias.

Palavras-Chave: Memória; Ciência; Memória Científica; Memória Científica – Construção social; Memória Científica – Bibliotecas Universitárias.

ABSTRACT

It present questions and theoretical perspectives to discuss a social construction of scientific memory based on the formation of collections in university libraries. It is a text, but fluid because it is the result of the lecture given at the 1st Bahia Meeting of Public University Libraries. In this sense, it works from the perspectiva of Marc Auge of the three paradoxes of time; the notion of memory as an experience emphasized by Walter Benjamin. Through social, qualitative and exploratory research, it points out reflections and crossings between science, time and memory to indicate possibilities of associating memory with experience in the process of forming collections, part of the social construction of scientific memory.

Keywords: Memory; Science; ScientificMemory; ScientificMemory – Social Construction; ScientificMemory – UniversityLibraries.

¹ Conferência realizada em 06 de outubro de 2021 sob o título homônimo no 1º Encontro Baiano de Bibliotecas Universitárias Públicas (EBBUP), organizado pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI/UFBA) em Salvador, Bahia.

1 INTRODUÇÃO

Um velho relógio de parede

numa fotografia

- está parado?

(Mario Quintana)

Um velho relógio, uma parede ou qualquer outra imagem que faz referência à memória poderia ser utilizado por Quintana. No entanto, o poeta quando pergunta: “está parado?”, nos coloca diretamente em contato com o tempo. Mas, que tempo é esse? Como se sabe, a memória é o solo pelo qual a identidade se funda e o homem é resultado daquilo que foi, do que está sendo, e, do que, talvez, será um dia. São as experiências e as vivências que constituem a sua memória, e, por conseguinte, são as memórias que projetam o futuro.

Dito isto, este ensaio é fruto da palestra ministrada no I Encontro Baiano de Bibliotecas Universitárias Públicas, organizado pela Universidade Federal da Bahia, em outubro de 2021. E, por esse motivo, trata-se de um texto mais fluido, menos acadêmico, e, que, convida pesquisadores e bibliotecários a refletirem sobre três conceitos: memória, ciência e tempo, entremeados pela formação de coleções.

A partir daí, se fundamentou a perspectiva de pensamento sobre a construção social da memória científica, ressaltando reflexões e atravessamentos inerentes à formação e desenvolvimento de coleções científicas realizadas pelas bibliotecas universitárias. Para tal, foi necessário alinhar memória, ciência e tempo, conceitos complexos, mas que se complementam. A partir daí, por meio de um corte teórico, com delineamento exploratório e qualitativo, o texto se coloca como reflexões apresentadas para fomentar discussões sobre o tema.

Desse modo, com a intenção de alinhar memória, ciência e tempo, os estudos do etnólogo e sociólogo francês Marc Augé, da *École Normale Supérieure*, de Paris, sobre comunicação, globalização e tendências atuais do pensamento antropológico auxiliam na compreensão desse alinhamento, principalmente no que tange o tempo. Na obra “*Où est passe l’avenir?*”, publicada pela *Éditions Du Seuil*, Paris, em 2011, e, traduzida para o português por Eloísa Araújo Ribeiro, na edição publicada pela Editora Papyrus, em 2012, o teórico apresenta uma série de questionamentos sobre o tempo, portador da esperança, segundo ele. Dessa maneira, Augé (2012) questiona o tempo de um presente imóvel que acaba desfazendo os caminhos da história como vestígios sobre as outras gerações. Para isso, Augé (2012) aborda as múltiplas dimensões da mundialização, descortinando aspectos políticos, científicos e até mesmo simbólicos, apontando para uma crise da temporalidade.

Marc Augé (2012) indica paradoxos do tempo, isto é, um tempo inerente à consciência do indivíduo sobre sua existência. Nesse sentido, os três paradoxos são formas de alertar, através de estudos, como a nossa percepção sobre o tempo vem sofrendo uma série de alterações no mundo contemporâneo. Tal fato também supõe desigualdades e barreiras no que tange o acesso à informação e à ciência. Segundo o teórico, seria a globalização uma nova espécie de

colonização na medida em que induz certo automatismo diante da relação com o tempo, bem como com o espaço? Assim, para compreender melhor os paradoxos do tempo, foi necessário sistematizar os conceitos de Augé (2012) no quadro abaixo.

Quadro 1 - Paradoxos do Tempo – Marc Augé (2012).

Paradoxo	Definição
<i>Primeiro Paradoxo do Tempo</i>	“são todas as teorias que, de uma forma ou de outra, põem em cena o retorno do mesmo [...] isto significa que, existem representações bastante elaboradas sobre hereditariedade que tendem a sugerir que a morte dos indivíduos não é um fim em si, mas a ocasião de uma redistribuição e de uma reciclagem dos elementos que as compõem” (AUGÉ, 2012, p. 7-8).
<i>Segundo Paradoxo do Tempo</i>	“é quase o inverso do primeiro: ele se deve à dificuldade, para os homens mortais, ou seja, tributários do tempo e das ideias de começo e de fim, de pensar o mundo sem imaginar seu surgimento nem lhe conferir um termo. As cosmologias e os apocalipses, em diversas modalidades, são uma solução imaginária para essa dificuldade” (AUGÉ, 2012, p. 8).
<i>Terceiro Paradoxo do Tempo</i>	“diz respeito ao conteúdo ou, se preferirem, à história. É o paradoxo do acontecimento, do acontecimento sempre esperado e sem temido. Por um lado, acontecimentos que tornam sensível a passagem do tempo e servem até mesmo para datá-lo, ordená-lo em uma perspectiva diferente da do simples recomeço das estações. Por outro lado, porém, o acontecimento traz consigo o risco de uma ruptura, de um corte irreversível em relação ao passado [...]. As catástrofes [...] puderam, ao longo do período da humanidade, ameaçar a existência do próprio grupo, e o desenvolvimento das sociedades não fez desaparecer a consciência do próprio perigo: ele os situou em outra escala” (AUGÉ, 2012, p. 8-9).

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2021.

Os três paradoxos do tempo defendidos por Augé (2012) apresentam relação com o controle intelectual e simbólico dos acontecimentos, isto é, acontecimentos de toda e qualquer espécie diante da aceleração da história. Nesse sentido, o teórico evidencia as categorias do próprio tempo, bem como do espaço, afirmando que o tempo referencia os dados simbólicos e as formas de controle político, por exemplo. A esse respeito, seriam as formas de controle político, também formas de controle discursivo? Talvez, o que Augé (2012) evidencia é que o meio da relação entre tempo e espaço, está na esfera do sensível, do que é perceptível e também observável. Por essa via de compreensão, se localizam as categorias, as classificações e as subdivisões correlacionadas às representações do tempo social, que, de tempos em tempos, são sazonais. Evidenciar o espaço-tempo, com maior ou menor grau de coesão social é traduzido por via dos modos de organização que atravessam, por conseguinte, as dinâmicas e os processos inerentes à relação entre memória e ciência.

A partir desse contexto, nasce outro ponto de partida dessa comunicação: refletir sobre os modos de formação e desenvolvimento de coleções, bem como de organização de uma memória que é individual, coletiva, institucional e, sobretudo científica. Assim, esse texto se construiu como uma narrativa estritamente teórica, fundamentado a partir da pesquisa bibliográfica sobre a temática em questão. Ademais, sugere outra reflexão: uma organização que não trata apenas

de um passado tal como foi, mas de um passado, alinhado ao presente que ajuda na construção de um futuro, como esse entrelace influencia na construção social da memória científica? Pois bem, questionamentos esses que nos levam a pensar de que futuro estamos falando? E, fazendo referência ao próprio Marc Augé (2012), para onde foi o futuro?

Assim, o objetivo traçado aqui foi o de levantar possíveis caminhos para refletir sobre o ponto de partida proposto: a construção social da memória científica, desvelando reflexões e atravessamentos, destacando a formação e desenvolvimento de coleções científicas em bibliotecas universitárias como uma forma de pensar sobre o assunto. Dessa maneira, o texto foi dividido nas seguintes partes: a memória e a ciência, considerando os entrelaces entre a memória e a ciência a partir da formação e desenvolvimento de coleções; o campo da memória social e o conceito de memória e, por fim, a memória científica enquanto experiência.

2 MEMÓRIA E CIÊNCIA ENTRALACES A PARTIR DA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Segundo Faria e Pericão (2008, p.177), colecionar significa “constituir uma coleção; juntar, reunir; coligir; compilar”. E entende-se por coleção um “conjunto de documentos de arquivo reunidos [...] em função de qualquer característica comum”, que pode ser o assunto, o suporte, a tipologia documental e o colecionador, por exemplo. As autoras ainda definem coleção como uma “totalidade de documentos postos à disposição de usuários” (FARIA; PERICÃO, 2008, p.177). Ao trabalhar a perspectiva da formação de coleções voltada a construção da memória científica, cabe destacar também esse conceito. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 491) a memória científica é o

trabalho escrito original em que o autor, partido da ideia básica, chega a uma conclusão, demonstrando os materiais usados e métodos utilizados com clareza, de modo que o leitor possa reproduzir as mesmas experiências e chegar a conclusões semelhantes ou não, a partir das informações fornecidas no trabalho.

Nota-se que as definições dicionarizadas carregam certa fixidez e se colocam como estanques, isto é, não fornecem possibilidades para a compreensão mais ampla do que venha a serem coleções que dão origem à construção social da memória científica. Nesse contexto, cabe destacar a ideia de memória que conduz esse texto, isto é, uma ideia atrelada a uma imagem a se formar. Um conjunto de documentos forma uma coleção, que por sua vez, pode ser representada a partir de uma imagem ou narrativa composta pelo curador (narrador) desta coleção. Uma coleção pode ser formada por uma série de documentos diversos, assim como por diversos tipos de memórias registradas, que ao serem selecionadas, são lembradas ou são esquecidas. Assim, cabe ao selecionador (curador ou narrador), de forma consciente ou não das formas, comporem a imagem-memória, seja ela individual, coletiva, institucional ou científica.

Sobre a formação e desenvolvimento de coleções, é importante salientar que Evans (2000) define essa atividade, como a identificação dos pontos fortes e fracos da coleção em face das necessidades informacionais dos usuários desta coleção. O autor caracteriza o desenvolvimento de coleções como cíclico, contínuo e ininterrupto, isto é, deve sempre estar em curso. E fundamenta

um modelo estruturado a partir de seis etapas (processos), a saber: estudo da comunidade (identificação do perfil e das necessidades informacionais dos usuários); política de seleção (conjunto de diretrizes que guiam a seleção); seleção (processo de escolha, seleção de itens); aquisição (implementação das decisões tomadas na seleção); desbastamento (remanejamento de obras pouco utilizadas para acervos paralelos) e avaliação (diagnóstico do estado da coleção em virtude das necessidades dos usuários e suas condições de uso). (EVANS, 2000).

A seleção de itens de uma coleção, de imagens ou de memórias, dita as regras do que pode ser lembrado, como também do que pode ser esquecido. Por esse ângulo, cabe chamar a atenção para a função do bibliotecário como um funcionário da memória. O teórico também alertou para a importância da relação memória e história, assim como conta como a história, por exemplo, deve ser dividida em partes. Uma história que trabalha com o tempo contínuo, mas que também é feita de mudanças, isto é, ele define que essas mudanças recortam a continuidade do tempo histórico (LE GOFF, 2015, p. 7).

Ao pensar no tempo histórico como contínuo deixamos no esquecimento inúmeros processos e entremeios por relegar à formação de coleções um padrão fixo ou constante aos moldes da história. O que se desconsidera com esse tipo de seleção é uma série de conglomerados que ao longo do tempo sobre influências, transformações e se constroem por outros caminhos. Tudo isso em virtude das demandas, bem como da realidade social, econômica, política, cultural e, sobretudo, informacional vigente.

Paralelo a essa ideia, está a construção do conhecimento científico que é móvel, mas depende do tempo no processo de criação de teorias, conhecimentos e métodos. Além disso, caminha junto com os ditames do espaço, dos sujeitos, enfim, do universo ao qual se busca explicar ou resolver algum problema. Em resumo, a ciência depende do espaço-tempo, mas não caminha somente no terreno de uma história fixa e contínua, ela transita entre esferas, setores, camadas e ambientes.

Merton (2013), pai da Sociologia da Ciência, inaugurou o olhar “[d]a ciência como próprio objeto de pesquisa e estudo”. O teórico refletiu sobre o comportamento científico, sua análise e estrutura, destacando dois elementos: os elementos internos [que garantem a consciência lógica e a confirmação empírica] e os elementos institucionais inerentes às investigações científicas [que consideram o *ethos* científico].

Merton (2013) ainda considerou a comunidade científica como uma forma de preservar e manter, por meio de regras, os fazeres científicos. Isso dentro da ciência é traduzido como: se o cientista não tem o comportamento ideal de um cientista; ele enfraquece o campo científico. Um *ethos* científico com caráter universalista. Ademais, o teórico também propôs um progresso científico que sobrepõe o de natureza pessoal, a relação entre confiabilidade e legitimidade. Por que citar Merton? Mesmo considerando sua importância para a ciência, não se pode deixar de lado que a ciência se impõe um *status quo* que foi, mais tarde, confrontado por Thomas Kuhn. Ele desmistificou a concepção clássica da ciência, ponderando que premissas podem ser questionadas. Kuhn (1994) admitiu as revoluções científicas, marcadas por conflitos, isto é, quando uma premissa é questionada, ela pode ser substituída por outra. Essas “realizações científicas universalmente reconhecidas, que durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma

comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1994, p. 13). E assim, o novo paradigma científico surge como uma substituição do antigo, após ser contestada e incorporar novas camadas vistas, discutidas, pensadas e repensadas para lidar com os problemas científicos.

Outro autor que repensou a ciência a partir da Antropologia e da Filosofia foi Bruno Latour, se valendo do uso da etnografia. Latour deu continuidade aos estudos de David Bloor, repensando a ciência e a própria concepção científica. Latour (1997; 2000) associou o discurso à sociedade e à ciência, a partir de uma perspectiva construtivista. Essa associação é visível na obra *Vida de Laboratório* (1997), quando o teórico realiza uma pesquisa *in loco*, intencionando estudar a ciência no momento de sua construção. Latour (1997) produziu uma espécie de etnografia do laboratório que era a imagem da sociedade moderna, construindo lugares sagrados, repleto de verdades em construção. Nesse sentido, ir ao laboratório é fazer parte dele.

Para, além disso, Latour desenvolveu outros conceitos como “caixa preta” com a finalidade de compreender a construção de determinada teoria, já que as descobertas podem ser abertas, podendo serem discutidas e mais elaboradas. Assim, entrar na “caixa preta” e perceber seu funcionamento, adentrar nela, participar do processo, entender suas perspectivas e a translação do conhecimento científico. Um segundo conceito abordado por ele é o “translação ou tradução” que implica em um conjunto de aproximações que acontecem com certa fluidez. Os agentes envolvidos, na concepção de Latour, participam, sem ter consciência desse processo, visto que eles são fruto de associação das redes de interesses. Esse processo de translação resulta na formação de uma rede sociotécnica.

Em síntese, para Latour, o conhecimento científico é feito por uma espécie de associação sem regras, que poder ser imprevisível e também instável. O interesse dos cientistas nos laboratórios também acaba caminhando por aí, pela imprevisibilidade, inconstância, o que resulta em uma capacidade momentânea de aglutinação de interesses (empresariais, estatais, econômicos e políticos, por exemplo).

Essa evolução da ciência, segundo Latour (2000) se dá, a partir da seleção (de escolhas), de descartes, de fortalecimentos e de enfraquecimentos. Isto é, de uma dinâmica presente nas associações que são fundamentais à construção do processo de translação. Dessa forma, ajustes, aproximações, distanciamentos, escolhas, estratégias, alianças, colaborações, cooperações, etc. Tudo isso, marca o campo da “desordem” que caminha à ciência. Desordem não no sentido pejorativo, mas no sentido de se estabelecer a partir de uma certa instabilidade, entropia, inerente à construção do conhecimento científico. Uma instabilidade necessária a geração de problemas e busca por resolução.

Ao apontar essa instabilidade, cabe aqui, citar os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, que criaram um importante conceito: o de rizoma, que embora, à primeira vista se refira às plantas cujas raízes se subdividem em ramos em qualquer ponto, sob uma perspectiva da biologia e da botânica (RAVEN; EVERT; EICHHORH, 1996, p. 441). A imagem nos ajuda a pensar o próprio conhecimento científico. Mas, para tal é necessário conhecer o que é rizoma para esses filósofos. “Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída: escrever a n-1. Tal sistema poderia ser chamado de rizoma”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.13). E, para além disso...

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e, cada um de seus traços não remete necessário a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regime de signos muito diferentes, inclusive de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem um começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades. (DELEUZE; GUATTARI apud ZOURABICHVILI, 2004, p. 51-52).

Assim é a ciência com suas dinâmicas e conexões instáveis. A horizontalidade, a mobilidade, as interconexões representadas na imagem do rizoma indicam uma quebra das hierarquias arborescentes porque admitem uma pluralidade do conhecimento. Desse modo, segundo Deleuze e Guattari (1995) a concepção rizomática e horizontalizada aceita agenciamentos fazendo crescer a multiplicidade das conexões. Nessa estrutura existem linhas, estratos e segmentaridades, bem como linhas de fugas e intensidades, assim como agenciamentos maquínicos de diferentes tipos. Por essa via, cabe enfatizar que toda essa construção depende obrigatoriamente da seleção, de um plano de consistência e de unidades de medida para cada caso. Segundo os filósofos, tudo isso em linhas e velocidades mensuráveis que constituem esses tais agenciamentos. Um exemplo de um agenciamento é o livro, um evento, etc.

Em termos mais práticos, como definir essa estrutura como um rizoma? Obviamente admitindo o próprio movimento da ciência, isto significa dizer, admitir conexões e heterogeneidades, multiplicidades, rupturas significantes, cartografias e decalcomanias². Traduzindo isso: a partir das conexões e das heterogeneidades, as linhas de estrutura do rizoma (raiz do rizoma) ligam-se de um ponto a outro, sem a necessidade de serem padronizadas. E, os pontos, se conectam a outros por meio de uma rede de múltiplas linhas, que, por sua vez, se relacionam e estabelecem conexões entre si. Em termos foucaultianos, essas conexões são geradas pelas disputas, pelos jogos de forças, e que aqui aparecem como jogos presentes na dinâmica da narração da memória, da composição da história de uma coleção que sugere obrigatoriamente seleção e escolhas.

A ciência e o conhecimento científico são complexos por natureza e devem admitir as heterogeneidades, as diferenças, como também as singularidades. E sobre esse ponto se podem pautar as escolhas no processo de formação de coleções. Assim, destaca-se o bibliotecário como um funcionário da memória. A memória da ciência, ou seja, a memória científica pode ser vista analisada, pensada e organizada por diferentes perspectivas. E, a partir daí, surge o seguinte questionamento: como formar e desenvolver coleções científicas? Como organizá-las? A partir de que ponto de vista ou de que perspectiva?

Ao mencionar a formação e desenvolvimento de coleções, bem como a organização, um primeiro exercício é necessário: situar a abordagem sobre memória que a instituição pautará as coleções a serem armazenadas. Nesse sentido, cabe aqui apontar uma discussão sobre o campo da Memória Social e, sobretudo, a respeito do conceito, como será feito a seguir.

² Decalcomania – entende-se aqui como uma composição de imagens como em colagens, mosaicos, estampadas sobre um solo, ou tela.

3 O CAMPO DA MEMÓRIA SOCIAL, A MEMÓRIA E A MEMÓRIA CIENTÍFICA

De início, é senso comum que o campo da memória social é múltiplo e móvel, que admite os diversos processos e dinâmicas relativas à memória. No contexto das bibliotecas, comumente observamos a aplicação do conceito de memória como lugar de memória, perspectiva do historiador Pierre Nora. Isso significa que as bibliotecas são vistas como lugares de memória onde se preserva a história de um passado tal como ele foi, mas seria exatamente isso?

Antes de refletir sobre a memória como uma categoria conceitual propriamente dita, cabe apontar alguns aspectos sobre o campo de estudos Memória Social, que é transdisciplinar por excelência, em constante construção (GONDAR, 2005). Esse campo alicerça reflexões de outros campos, como, por exemplo, o campo da Biblioteconomia. Como pensar as bibliotecas como espaços de experiência e memória na composição de acervos científicos e, que conseqüentemente, formam a memória científica registrada? Esse é um ponto crucial da apresentação no encontro baiano de bibliotecas universitárias públicas.

Por essa via de compreensão, tomando como mote o bibliotecário como um funcionário da memória, de início é necessário entender que esse profissional, no momento de tomada de decisão, deve evitar enquadramentos rígidos, entrecruzar campos, mesmo que díspares. Deve se permitir a observar e cotejar variadas camadas e dimensões das experiências no que tange o acesso, uso e produção de coleções. Assim, o bibliotecário deve considerar, de antemão, as potencialidades do campo da Memória Social, assim como do conceito de memória.

O marco histórico que inaugura, de certo modo, o campo da Memória Social, foi a elaboração do conceito memória coletiva, por Maurice Halbwachs, que sofreu influência dos estudos de Émile Durkheim. Com a intenção de compreender os fenômenos e aspectos próprios da relação indivíduo-sociedade, estudou o fato social e suas práticas, assim como o conceito de coesão social, enfatizadas por Durkheim (2007). Halbwachs (2004) pensa o campo da Memória Social como aquele que admite a reconstrução do passado a partir da memória coletiva. Assim, o teórico tentou demonstrar, por exemplo, como a lembrança está condicionada socialmente (ERLL, 2012, p. 18). Isso significa, para Halbwachs, que as lembranças (individuais ou coletivas) são constituídas a partir do grupo. Erll (2012, p. 19) aponta:

1. A memória coletiva como memória organiza do indivíduo, que se constrói a partir do horizonte de um entorno sociocultural.
2. A memória coletiva como a relação com o passado, que surge graças à interação, a comunicação, os meios e as instituições que estão dentro dos grupos sociais e das comunidades culturais (tradução nossa).

A memória em Halbwachs (individual ou coletiva) parte da ideia de lembrança condicionada socialmente e estruturada a partir dos quadros sociais. Assim, os marcos sociais condicionam os indivíduos, que, a partir de suas relações, constituem suas memórias, bem como as do grupo.

Pierre Nora (1993) cunhou o termo 'lugares de memória' e se estabeleceu como um dos teóricos mais estudados e abordados nas pesquisas em âmbito internacional. Ao recuperar as

ideias de Halbwachs, Nora (1990) preocupou-se como a relação memória/história e lamenta uma perda da memória, sugerindo os lugares de memória como espaços compensatórios, como por exemplo: bibliotecas, museus, arquivos.

Andreas Huyssen (2000) questiona a perspectiva deficitária atribuída à memória por Pierre Nora e questiona o lugar que ocupam as memórias nas experiências de tempo e espaço, bem como as influências que advêm do passado, que se colocam no presente e constroem o futuro. Ao pensar sobre a epidemia da memória, o teórico admite uma memória produtiva, com possibilidades criativas, a partir do alinhamento entre o passado, presente e futuro.

Ao mencionar a importância da formação de coleções que geram parte das memórias científicas, vale enfatizar as ideias de Assmann (2011) sobre o controle do arquivo, que aqui pode ser lido como ‘controle da biblioteca’, e, conseqüentemente, controle da memória. Seleciona-se para armazenar, o que será lembrado ou esquecido. Assmann (2011) também alerta para três elementos essenciais quando o assunto é a memória dos arquivos, são eles: a conservação (elemento que garante a longevidade do documento); a acessibilidade (que determina quem acessa o conjunto de documentos armazenados) e a seleção (o que deve ser mantido, desbastado ou descartado). Esses elementos conferem à instituição o controle e o poder político informacional sobre a formação da memória científica. Em tempos difíceis como o de agora, quem controla a memória científica detém, de certo modo, um poder político e informacional, não?!

Para além dessas reflexões, cabe lembrar outros sentidos atribuídos à memória que podem auxiliar nas ações bibliotecárias. Sobre o desenvolvimento técnico capitalista contemporâneo, Jean Marie Gagnebin (2014, p. 221) afirma

para lutar contra esse encurtamento do tempo da percepção temporal, contra essa espécie de narcisismo do presente, que corre atrás das novidades rapidamente caducas segundo a lei do consumo de mercadorias novas, deve-se inventar outras formas de memórias e de narração, capazes de sustentar uma relação crítica com a transmissão do passado, como o lembrar, e com a construção do futuro e o esperar.

A partir da colocação de Gagnebin (2014), parafraseando Marc Auge: para onde foi o futuro? Se ainda continuamos proclamando utopias progressistas, para onde foi o futuro? Para influir nos processos de formação de coleções, cabe ao bibliotecário, funcionário da memória, refletir sobre a dimensão da experiência, enfatizada por Walter Benjamin. O teórico pensou sobre as transformações nos modos de construção da memória e que aqui pode ser destacado como ‘quais reflexões subsidiam as reflexões de como observar novas possibilidades de construção social da memória científica pensando as coleções?’.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS: A MEMÓRIA CIENTÍFICA ENQUANTO EXPERIÊNCIA

Walter Benjamin, em seus trabalhos, elaborou cuidadosamente uma coleção de narrativas singulares descritas por ele, conforme descreve Gagnebin (2014, p. 217). Mesmo não se dedicando diretamente sobre o tema da memória, o teórico refletiu sobre a mesma, bem como sobre a conservação do passado. Em consequência, seus estudos são permeados por

fragmentos que ilustram a dinâmica do par lembrança-esquecimento. Um dos primeiros textos foi a obra “Infância Berliense: 1900”, quando Benjamin apresentou fragmentos que formam imagens dependendo do tipo de ‘colagem’ que é feita.

Ao evitar enquadramentos rígidos, o teórico procurou entrecruzar campos distintos e até mesmo dispares. E, com a intenção de ultrapassar o historicismo e o materialismo marxista, ele propôs uma crítica por via de fragmentos. Com isso Benjamin admitia uma narrativa histórica, com uma diferença: o foco na experiência. O famoso fragmento “escavando e recordando”, publicado na obra *Rua de Mão única*, em português em 1987, é um dos exemplos: a atividade de escavar confere sentidos detalhados, remete à escavação de lembranças (de cacos, de ruínas, de fragmentos). Na medida em que se desenterra, cada fragmento, caco ou ruína é livrado do esquecimento e passa a ser parte da imagem (mosaico) a ser formado. Sobre a memória Benjamin (1987, p. 239) afirma: “é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio nos quais antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava”. Seria essa a função do bibliotecário, funcionário da memória, quando está formando uma coleção e contribuindo para a formação da memória científica?

Para tal, o conceito de experiência e percepção são importantes e explicados por Benjamin a partir da análise sobre a modernidade e suas implicações. A experiência, apresentada em dois sentidos: *Erfahrung* (experiência em sentido pleno) e *Elenise* (vivência). Dessa maneira, o teórico aponta para o declínio da experiência em sentido pleno porque se inquietou com o fim da tradição oral e da narrativa. Mais tarde, nos anos 30, Benjamin voltou sua atenção para outro fenômeno: as mudanças ocorridas na produção e compreensão das obras artísticas que interferem diretamente nas transformações geradas no campo da percepção (*Aisthêsis*). Isso significa que o teórico refletiu sobre o declínio da experiência associada a mudança nos modos de percepção. Benjamin (2012, p. 213) declara:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais freqüente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

O relato de Benjamin (2012) supõe uma denúncia mudanças nos modos de produção, uso e consumo da informação e do conhecimento que começaram a afetar os modos de vida a partir do século XIX. Isto é, na medida em que a narração vai se desfazendo lentamente, a informação vai começando a ganhar força. Assim, segundo Benjamin (2012, p. 219):

a cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] o extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação.

Gagnebin (2013) afirma que Benjamin valoriza a riqueza da vida que pode estar relacionada à experiência social e coletiva, isto é, à memória. Uma experiência atrelada a uma temporalidade que alcança diversas gerações e indica que a tradição acaba sendo passada de geração em geração, produzindo uma continuidade, uma temporalidade própria das sociedades artesanais. Com o capitalismo moderno tudo se modificou, o tempo se tornou descontínuo, entrecortado, fragmentado (GAGNEBIN, 2012, p.57). Ao identificar problemas e dificuldades enfrentados pela modernidade, Benjamin vê uma nova forma de experiência, denominado por ele de vivência (*Erlebnis*). O teórico afirma uma experiência compartilhada na vida contemporânea, que modifica a narrativa, priorizando suas vivências singulares.

No âmbito da formação de coleções, como o bibliotecário pode se apropriar desses movimentos marcados pela experiência, vivência e informação? A coleção é parte da memória científica formada por uma instituição social, a biblioteca, por muitas vezes, pela biblioteca universitária. Nesse sentido, elencar as experiências, processos, detalhes, dinâmicas inerentes à coleção pode trazer ao bibliotecário, funcionário da memória, um outro olhar para essa imagem-coleção. Assim, quando a incumbência é armazenar e preservar a memória científica através das coleções, um dos caminhos é compreender as experiências e vivências desses itens no que tange a complementaridade que cada um possui, para que não sejam relegados ao esquecimento. E, mais, este funcionário da memória, não deve deixar de lado os três elementos elencados por Assmann (2011): a conservação, a acessibilidade e a seleção.

Diante do exposto, cabe ao funcionário da memória (o bibliotecário) refletir sobre a urgência no processo de construção social da memória científica registrada, armazenada pelas bibliotecas universitárias, que em sua maioria são responsáveis pela seleção (de um passado, de um presente, com a finalidade de desenhar o futuro). Nessa via de compreensão, admitir e afirmar as desigualdades, diferenças, singularidades a partir da observação apurada da dimensão social voltada ao ensino e à pesquisa científica. Romper com determinados *ethos* biblioteconômicos e adotar uma perspectiva mais foucaultiana, talvez, observando as narrativas, percebendo que não são únicas, descortinando discursos relegados ao esquecimento. E se perguntando diariamente para onde foi o futuro? O que construímos? Como resistir as relações desse saber-poder?

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AUGE, Marc. **Para onde foi o futuro?** Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221. (Obras Escolhidas, v.1).
- BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. **Rua de mão única**. Trad. Rubens R. T.

Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 239- 240. (Obras Escolhidas, v.2).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ver. Téc. Márcio Seligmann-Silva. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v.1).

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Filô/Benjamin).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas Del recuerdo**. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Lenguas y Cultura, Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales: Ediciones Unianes, 2012.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Ed. USP, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Estudos, 142).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa livraria. PPGMS/UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos e mídia. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** Tradução NíciaAdanBonatti. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

MERTON, Robert King. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica ScientiaeStudia/ Editora 34, 2013. 304 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História do Departamento de História, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> . Acesso em: 01 mar. 2014.
QUINTANA, Mario. **Baú de espantos**. Organização Ítalo Moriconi. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray F.; EICHHORN, Susan E. **Biologia Vegetal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1996.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Gilles Deleuze**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2004.

Recebido/ Received: 13/09/2021
Aceito/ Accepted: 10/12/2021
Publicado/ Published: 31/12/2021